



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *CAMPUS XIV*
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS**

LUCIANA RAMOS DE MATOS

REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA OBRA IRACEMA.

Conceição do Coité
2024

LUCIANA RAMOS DE MATOS

REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NA OBRA IRACEMA.

Artigo de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador (a): Prof. Ma. Anaíris Feirense de Castro Ramos Moller

Conceição do Coité
2024

RESUMO

A representação indígena na literatura é contemplada, na perspectiva da época, no Arcadismo e ganha notoriedade no Romantismo, sobretudo, em sua primeira geração, inclusive recebendo o nome de indianista. A metodologia do presente trabalho foi análise documental da personagem indígena da obra *Iracema* de José de Alencar. O que desejo com essa pesquisa é refletir de que forma os indígenas, principalmente a mulher indígena é representada na literatura. E qual o papel dessa mulher indígena dentro da nossa história. Além de contribuírem com a guerra os indígenas tiveram outro papel, eles acabavam sendo bárbaros. Muitos autores brasileiros escreveram colocando o indígena como herói em seus escritos, trazendo a representação do indígena dentro da literatura. A obra *Iracema* é marcada por evidências em sua literatura, em que retrata metáforas fauna e flora para destacar a beleza e sua conexão com a terra, as palavras indígenas, incorporando termo tupis para gerar uma autenticidade e respeito cultural. Auritha Tabajara como mulher indígena reconhece seu lugar, entende a importância da representatividade de ser mulher indígena, consegue quebrar as barreiras e reconstrói um lugar diferente do que foi ditado por José de Alencar à *Iracema* do romance. Na contemporaneidade a representatividade nos textos literários de Auritha Tabajara nos apresenta a indígena, a que vivencia os desejos e costumes de seu povo Tabajara que foram passados de geração em geração.

ABSTRACT

The portrayal of Indigenous people in literature first emerged during the Arcadian period and gained prominence in the Romantic era, particularly in its first generation, which became known as the Indianist movement. This study analyzes the representation of Indigenous characters in José de Alencar's *Iracema*. The research aims to explore how Indigenous people, especially women, are depicted in literature and to examine the role Indigenous women have played in our history. While Indigenous people contributed to wars, they were often stereotyped as barbarians. Many Brazilian authors sought to challenge this by portraying Indigenous characters as heroes, integrating them into the literary narrative. In *Iracema*, Alencar uses vivid metaphors of wild life to celebrate beauty and the connection to the land. He incorporates Tupi words to add authenticity and cultural respect. Auritha Tabajara, as an Indigenous woman, embraces her identity, recognizes the significance of representation, and redefines the space historically assigned to Indigenous women, reshaping the image of *Iracema* as portrayed by

Alencar. Today, Auritha Tabajara's literary works bring to life the experiences of an Indigenous woman who embodies the desires and traditions of her Tabajara people, passed down through generations.

INTRODUÇÃO

Como sabido, a representação indígena na literatura é contemplada, na perspectiva da época, no Arcadismo e ganha notoriedade no Romantismo, sobretudo, em sua primeira geração, inclusive recebendo o nome de indianista. O indígena era tratado como um herói nacional. A minha pesquisa se baseia na representação da mulher indígena na construção histórica de nosso país, que foi retratada na obra de José de Alencar, especificamente "Iracema".

Ao iniciar minha pesquisa trago a questão histórica, a partir do momento da independência da Bahia em que os indígenas participaram dos exércitos com essa representação bem declarado no 2 de julho, que é uma comemoração popular da independência da Bahia. São colocados em evidências o caboclo e a cabocla, que são indígenas, principais representantes da conquista pela independência. E são representados em esculturas artísticas da cidade de Salvador.

O que desejo com essa pesquisa é refletir de que forma os indígenas, principalmente a mulher indígena é representada na literatura. E qual o papel dessa mulher indígena dentro da nossa história.

Para retratar a mulher indígena do romance de José de Alencar "Iracema" trago a "Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate", dos teóricos Glaucya Oliveira Rezende, Nathalia Lilian Silva, Kesley Mariano da Silva que falam sobre a representação do indígena na primeira geração do romantismo brasileiro, porque precisamos entender como surgiu os livros indianistas, que colocavam os indígenas como heróis.

A pesquisa também se fundamenta no texto As mulheres, a imprensa e a Independência do Brasil A participação política do "belo sexo" e seus impasses, das autoras Andréa Slemian, Danielly de Jesus Teles que mostra a importância das mulheres na conquista pela independência da Bahia e do Brasil.

Representações Sociais do "Ser Indígena": Uma Análise a Partir do Não Indígena das autoras Sílvia Barbosa Correia e Luciana Maria Maia para trazer a mulher indígena e como podemos observar essa mulher indígena representada em nosso cotidiano, dentro da literatura e de outras artes.

“O povo e a guerra - Participação das camadas Populares nas lutas pela Independência do Brasil na Bahia” de Sérgio Armando Diniz Guerra Filho que traz em suas narrativas, como ocorreu a participação dessa camada popular na Independência da Bahia e do Brasil principalmente falando sobre os indígenas.

“Os Cordéis de Auritha Tabajara como instrumento pedagógico: versão que ecoam a luta de mulheres indígenas”, de Jairo da Silva e Silva, para apresentar a Iracema Tabajara dos dias atuais.

Assim trazendo essas questões desde as primeiras conquistas até os dias atuais, em que encontro a verdadeira “Iracema”,; Auritha Tabajara com seu poema “Iracema Tabajara” que se contrapõe a Iracema de José de Alencar. É uma indígena que traz sua versão de Iracema, trazendo a representatividade que é muito importante para nosso povo.

1. HISTÓRIA E LITERATURA

Ao falar sobre a história do período imperial do Brasil, voltamos alguns séculos em nossa história. Após algum tempo estando ligado à Portugal, o Brasil cresceu ao ponto de necessitar de independência, deixando de ser uma colônia tão somente extrativista para se tornar, de fato, um império soberano e independente em comparação ao seu status anterior de Colônia. Este momento histórico nos revela vários acontecimentos de grande relevância para a situação política e social do país. Esses acontecimentos repercutiram positivamente na nação brasileira dos dias atuais. Após sofrer pressões populares e das elites brasileiras à época, o príncipe regente Dom Pedro I declarou-se independente de Portugal, com a famosa frase bradada às margens do rio Ipiranga, “Independência ou Morte”.

Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, teve um papel fundamental para que a independência fosse anunciada, demonstrou sua capacidade reflexiva e o poder da mulher na política, nesse caso no processo de libertar o Brasil de Portugal, nos documentos e, por conseguinte, na guerra pela independência da Bahia.

Nesse tema a baiana Maria Quitéria foi outro marco, pois enfrentando homens nas batalhas, mostra sua capacidade bélica e consequentemente da mulher.

No Brasil não foi diferente. Como podemos ler na carta das Patrícias Paraibanas, as mulheres estão inseridas no debate público com posturas ativas e mesmo críticas à política de D. Pedro. É fundamental frisar que estar ao lado de Cipriano Barata significava, na época, estar do lado “exaltado” do debate público, ou seja, à esquerda do imperador. Para além dos casos mais conhecidos e emblemáticos, como o de Maria Quitéria, baiana que lutou nas tropas a favor da separação do Brasil, vale descortinar como se deu a aparição e a ação feminina na imprensa que, como dissemos, proliferou imensamente nesses anos posteriores à Independência.”(CIENCIA&CULTUA p.2)

Quando relembremos esse momento histórico não podemos deixar de lado os agentes dos bastidores, as mulheres, os indígenas, os mestiços, negros livres e fugitivos, e povos em geral que formaram a linha de frente no combate aos portugueses. Estes agentes, levados por sua insatisfação a respeito da divisão de terras imposta pela coroa portuguesa, e dos novos encaminhamentos que se destinam ao Brasil pós retorno de D. João, bem como pela influência da elite brasileira desejava reduzir impostos e ter mais domínio sobre o território brasileiro, foram de suma importância para o desenrolar dos fatos e a culminância da independência.

É necessário salientar a representação desses sujeitos ocultos que fizeram parte da maioria de nossas conquistas. Essas representações podem ser mais facilmente identificadas em obras literárias, sendo os indígenas sempre retratados como seres domáveis, dóceis e obedientes, não explorando os elementos étnicos e culturais que definem melhor esses povos originários.

As frentes agrícolas, tendo em vista o aumento na produção de alimentos tanto para o abastecimento interno como para exportação, devastava as terras antes ocupadas por populações indígenas já estabelecidas. Esse avanço isolou as populações e comprometeu a dinâmica de caça e coleta, além de dificultar as práticas culturais desse povo. A prática do cultivo e coleta para subsistência levou às populações isoladas à miséria, tornando-as dependentes dos trabalhos secundários e menos importantes sob o jugo dos portugueses.

O autor Sergio Armando Diniz Guerra Filho, em seu trabalho *O Povo e a Guerra*, nos apresenta exatamente essa situação vivenciada pelos indígenas, mostrando a sua complexidade, por exemplo, como comprovação de indígenas nas forças armadas.

A situação das populações indígenas na Bahia nas primeiras décadas do século XIX era bastante delicada. O avanço das frentes agrícolas levou ao aldeamento de diversas tribos e uma intensa desterritorialização de populações já aldeadas. A penúria e a miséria passaram a ser parte constante da dinâmica destas populações. (o povo e a guerra, p. 116).

Precisamos compreender que a união dos indígenas para derrotar os colonizadores tiveram duas vertentes, uma que foi de grande contribuição na guerra e disputa pela independência. Além de contribuírem com a guerra os indígenas tiveram outro papel, eles acabavam sendo bárbaros, com assaltos, com vandalismo assustando todos, eram aliados, mas estavam revoltados praticando atos que eram abominados pela população.

Segundo o autor, Sergio Armando Diniz Guerra Filho a presença dos indígenas fora reatada por diversos autores, reafirmando a participação dos indígenas na conquista da independência.

No lapso temporal da guerra, a presença indígena pode ser percebida de duas formas. Em uma, como parte constituinte e importante do Exército Libertador e, portanto, peça importante na libertação da Província; em outra, como um “problema” de segurança civil, igualando-se aí, como prioridade, aos escravos fugidos e soldados desertores no trato impetrado pelo Conselho Interino de Governo e pelo próprio Exército.”(o povo e a guerra, p. 116)

Parte significativa dos escritores da época da primeira geração do romantismo, tinha inspiração europeia e por ela precisavam criar um “herói nacional”, relacionado ao processo histórico do país. Os indígenas já viviam nas terras antes dos conquistadores chegarem, e assim foram promovidos a heróis nacionais e símbolo do povo brasileiro. Sua cultura como guerreiros nunca poderia ser exposta, porque a população precisava aceitar esses heróis e para que isso acontecesse os indígenas deveriam ser dóceis, amáveis e domesticáveis para serem aceitos pela sociedade que desejava unificar os povos, ocultando assim sua verdadeira cultura.

Os indígenas que lutaram junto com o exército queriam que os colonizadores fossem expulsos, pois tinham tomado suas terras, onde era cultivado seu sustento. Eles só lutaram em busca do que era seu de direito. Portanto, usando a imagem de indígena bárbaros e agressivo, para deturpar a imagem do herói nacional, que a princípio era retratado, como dócil, amável e domesticável.

Entendemos que os indígenas estiveram ligados a Independência, o homem indígena e a mulher indígena, são simbolicamente representados nas literaturas contada a independência da Bahia.

O teórico Nicolas Tephagne, em seu texto “O índio em Salvador - uma construção histórica” nos faz compreender um pouco sobre a construção de identidade nacional e como surgiram, através da união dos indígenas na luta para independência da Bahia. Dessa forma podemos observar como foi constituída a frente da guerra, conquistando o que almejavam por muito tempo.

Os soldados portugueses foram expulsos da nossa Bahia temos o reconhecimento da representação indígena em nosso cotidiano na culinária, nas palavras indígenas, e no cultivo indígena que nos acompanha até os dias atuais. Na praça Campo Grande, encontramos uma estátua gigantesca com um indígena exposto no topo do monumento histórico como protagonista de nossa história fazendo parte da independência como símbolo de todo povo brasileiro. Entre os festejos a comemoração do dois de julho, deixa afirmada a representação indígena exposta em estatuas ornamentadas com o cocar, o arco e flechas além das vestimentas indígenas nas imagens.

Parece-nos necessário mostrar de que maneira a presença física do índio, atestada por alguns monumentos e murais dedicados ao caboclo, ou ainda na toponímia, resulta da vontade da jovem nação brasileira preocupada em assinalar sua independência longe da herança da metrópole colonial, e em constituir uma figura nacional. É interessante notar ainda que a escolha do índio – ou do caboclo – na construção dessa figura nacional aconteceu na cidade onde a rejeição de Portugal manifestou-se, sem dúvida, de maneira mais virulenta. (CARVALHO, p. 31)

Nesse momento histórico precisamos destacar a presença indígena dentro da cultura baiana. Foram os primeiros habitantes da nossa terra e lutaram para se manter nessa terra que já fazia parte de seu cotidiano. Com a independência da Bahia ficou nítido a representação indígena na cidade de Salvador dentro desse contexto.

Os indígenas deveriam ser representados com sua cultura, religião e língua, mas as narrativas do “homem branco” para representar os indígenas são de um povo selvagem e inferior, mesmo fazendo parte das conquistas. A literatura indianista atenua um pouco isso, toda via não os valoriza de fato, uma vez que elementos da cultura europeia acabam sendo de alguns incorporados nos personagens principais.

A identidade étnica dos povos indígenas do Brasil é constantemente questionada pela sociedade não indígena. Isso se deve à representação do indígena, que o vincula a uma figura do passado, um selvagem que vivia em terras brasileiras[...]

A visão dos povos indígenas como selvagens contribuiu para a relação de desigualdade e dependência a que tais grupos foram submetidos pelos colonizadores e, em seguida, pela sociedade “branca”, que lhe atribuiu ao longo da história uma condição de inferioridade. (MAIA, p.2).

As autoras Sílvia Barbosa Correia e Luciana Maria Maia em seu trabalho *Representações Sociais do “ Ser Indígena : Uma Análise a Partir do Não Indígena*, abre um leque de possibilidades. É de muita relevância entender a importância da representação, a necessidade de reconhecer o papel do indígena em nossa conquista e respeitar seus costumes, religião e cultura, especificamente por muitos “homens brancos”, continuarem com a visão do indígena selvagem e sem cultura.

Durante a independência que foi um dos momentos impactantes para a nossa nação, vivíamos o Arcadismo e talvez prenúncios do Romantismo, a exemplo de indígenas como tema/título de poemas que ocorrem nas duas escolas literárias. No Romantismo essa ação alcança seu auge a ponto de haver uma geração chamada indianista e de haver mais obras literárias dentro dessa perspectiva e, por consequência, essa geração romântica gera frutos também em esculturas, em que se destacou o nacionalismo e visão indianista. Como a Independência estava em seu momento, o nacionalismo ficou em evidência. Romantismo durou de 1836 a 1881, dividido em 3 gerações.

A primeira foi a primeira geração do Romantismo seguia com o nacionalismo e indianismo, o indígena como herói nacional, como já dito. Além dessa, as gerações 2 e 3, respectivamente Ultra Romântica e Condoreira.

As autoras Glaucya Olivira, Nathallia Lilian e Kesley Mariano em seu trabalho *A representação do indígena na primeira geração do Romantismo Brasileiro*, nos apresenta um momento, em que o indígena faz parte da literatura da época com uma versão domável, domesticável, tratando com um herói nacional.

Muitos autores brasileiros escreveram colocando o indígena como herói em seus escritos, trazendo a representação do indígena dentro da literatura. Um dos principais escritores do Romantismo no Brasil foi o escritor José de Alencar com seu histórico de escritos nacionalista e indianista. Em seus livros de literatura trouxe o indígena como herói, quando ele escreveu a obra *O Guarani*, deixando o indígena com o papel de cuidadoso, bondoso e o belo destacando as características da primeira geração do Romantismo.

Assim, tornou-se o índio símbolo do homem brasileiro, com uma originalidade, honrado, guerreiro, com uma bravura e heroísmo atribuídos pelos autores. A criação de Peri, o personagem do romance “*O Guarani*” é justamente uma inspiração do “bom selvagem” de Rousseau. Essa obra de José de Alencar é a retratação da idealização heroica do índio, destacam-se na narrativa alguns valores como o bem, o belo, o justo e o verdadeiro, isso faz com que desperte no leitor uma imaginação mítica. Percebe-

se esse “bom selvagem” vive em perfeita harmonia com a natureza.”(revista acadêmica.p. 60)

O Guarani, segue a linha do “bom selvagem”, do indígena bondoso e conectado a natureza. José de Alencar, escreveu outro romance indianista e sua Obra foi chamada de Iracema, a virgem dos lábios de mel, que é diferente de O Guarani, segue com uma mulher indígena, delicada com características que são comparadas a elementos da natureza, trazendo também o nacionalismo da nossa região, com um diferencial: um homem branco em contato com os indígenas.

Evidenciam-se as características românticas que sobressaem à leitura dando certa pureza na personagem que é uma índia tabajara. Seu próprio nome, que tem como significado “lábios de mel” demonstra sutileza. Aqui é possível ver a exaltação do índio, da natureza-pátria, o que gera uma idealização da realidade. (revista p., 61).

Dentro das descrições do autor ele evidencia a beleza majestosa da indígena, colocando-a como guerreira da sua tribo, com arco e flecha para sua defesa, elementos da natureza - fauna e flora para o nacionalismo. Isso fica declarado. Iracema se apaixona por um guerreiro branco, que através desse encontro todo pode acontecer.

Além da obra O Guarani, e Iracema, José de Alencar também escreveu outro romance indianista a Obra Ubirajara, que foi retratado como o herói nacional. O autor trouxe todos os elementos que representavam a primeira geração do Romantismo: o indígena como herói e nacionalista que falava de elementos da nossa terra, o Brasil, descrito com singularidade. O contato de Ubirajara era exclusivo da tribo, não tinha contato com o homem fora da tribo, como O guarani e Iracema.

“Ubirajara” de José de Alencar que descreve o índio apenas no convívio de seu povo, isto é, antes de ter contato com o branco. Ubirajara é narrado a história de jovem índio que por sua vez é atribuído pelo autor com todos os atributos de um verdadeiro herói nacional. Lutando para se tornar grande guerreiro Jaguarê, que logo depois de vencer Pojuçã, passa a se chamar Ubirajara é reconhecido como herói.” (revista p. 61)

Diferentes das outras obras de Jose de Alencar, ele foi o herói nacional, um indígena imponente que mesmo sendo selvagem sabe se defender, pois ele faz parte dos primeiros habitantes de nossa terra.

Conhecendo as obras nacionalista e indianista de José de Alencar, meu trabalho é realizado com a obra Iracema, mulher indígena sob o olhar do autor José de Alencar, um escritor dando voz e representando uma mulher indígena com suas escolhas durante sua vida na tribo Tabajara.

Entendo que existe representação da mulher indígena na obra Iracema de José de Alencar, mas precisamos saber sobre as escolhas de Iracema, ela teria feito realmente as mesmas escolhas feitas pelo autor para dar voz à indígena? A Iracema seria capaz de mudar sua trajetória indo contra todos da sua tribo para realização de algum desejo?

2 – Desmembrando a Obra Iracema

A escolha da obra Iracema de José de Alencar foi haver representação da mulher indígena na obra, como o autor e alguns personagens enxergam a mulher indígena Iracema. Durante o período da primeira geração do Romantismo os autores escreviam com as características desse movimento literário que eram o nacionalismo e indianismo, sobretudo José de Alencar evidencia em seus escritos na obra de Iracema uma beleza ímpar, sempre comparada aos elementos da natureza, palmeiras e animais que representam seu estado e comunicam com ela, fazendo uma conexão única entre a natureza da nossa nação e características e beleza de Iracema.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna(1*), e mais longos que o seu talhe (2*) de palmeira.[...] O favo da jati (abelha) não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como o seu hálito perfumado. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava a sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara (*). O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.(ALENCAR)

O autor, vem com elementos da floresta para enfatizar ainda mais nacionalismo apresentando nossas belezas e descrevendo a mulher indígena com muito zelo e cuidadoso.

Em Iracema José de Alencar promove o encontro da mulher indígena com um conquistador territorial branco, e nesse encontro cheio de mistério e questionamentos a mulher indígena ao avistar o homem branco, não quer perder de vista para ela o conquistador branco pode ser perigoso e ela como guerreira Tabajara precisa defender sua tribo.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; a sua vista perturba-se. Diante dela e a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido. (ALENCAR)

No meio da floresta, a guerreira Tabajara avista um guerreiro branco e não hesita para defender sua tribo, e lança sua flecha contra o guerreiro desconhecido, quando se aproxima percebe que ele usa a linguagem dos guerreiros de sua tribo e o questiona em que momento ele aprendeu essa linguagem. “ – Venho de muito longe, filha das flores. Venho das terras que os teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.”(ALENCAR).

Iracema se encanta com o homem branco, e faz questionamentos de que lugar ele veio e pra que lugar pretende ir. Sentiu-se na obrigação de ser gentil, deixando ficar na aldeia com toda hospitalidade de uma tribo. Levando água, comida e tudo que um guerreiro viajante necessita, seguindo os costumes da tribo dos Tabajaras.

Com toda cordialidade as leis da tribo deixavam as indígenas satisfazerem os visitantes, mas o guerreiro desejava Iracema, que era a virgem prometida de Tupã, o guerreiro convidou Iracema para balançar sua rede e as mulheres da tribo respondem. “— Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva. É ela que guarda o segredo da jurema (*) e o mistério do sonho. A sua mão fabrica para o pajé a bebida de Tupã.”

Através desse contato com o guerreiro estrangeiro, percebemos o encantamento entre ambos. Martim como era chamado estava encantado com Iracema e sua beleza singular e Iracema questiona se o estrangeiro tem alguém que o espera e a reação do estrangeiro, deixa como resposta para Iracema.

Iracema olha para o jovem guerreiro e diz: — É a presença de Iracema que perturba a serenidade no rosto do estrangeiro? Martim pousou brandos olhos na face da virgem: — Não, filha de Araquém: a tua presença alegre, como a luz da manhã. Foi a lembrança da minha pátria que trouxe a saudade ao coração pressago. — Uma noiva te espera? O forasteiro desviou os olhos. Iracema dobrou a cabeça sobre o ombro, como a tenra palma da carnaúba (uma árvore), quando a chuva peneira na várzea. — Ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa! murmurou o estrangeiro. (ALENCAR)

Martim expõe para Iracema o que acha da indígena, evidencia sua beleza que é retratada pelo autor através de Martim, possível romance de Iracema. Dentro desse contexto alguns personagens da Obra Iracema tratam a indígena com adjetivos que mais exploram sua beleza, formosura e deixa de lado a guerreira, a mulher indígena que segue os princípios ou não, mas procura ter uma vida normal como as demais mulheres da tribo. Em um determinado momento Martim tenta seduzir Iracema, e ela mesma informa qual o lugar dela na tribo.

O jovem guerreiro murmurou:

— O teu hóspede fica, virgem dos olhos negros. Ele fica para ver abrir nas tuas faces a flor da alegria, e para colher, como a abelha, o mel dos teus lábios. Iracema soltou-se dos braços dele, e olhou-o com tristeza: — Guerreiro branco, Iracema é filha do pajé, e guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuísse a virgem de Tupã morreria. — E Iracema? — Pois se tu morrias!... (ALENCAR)

Diante desse dialogo entendemos que Martim ficou encantado pela indígena, que era a virgem de Tupã. Ela entendia sua função dentro da tribo, porem o colonizador branco a desejava de todas as formas, deixando a indígena tentada com seus carinho e elogios. A indígena foi representada com sua beleza e formosura, atraindo olhares de colonizadores despertando o desejo dentro da indígena.

As escolhas feitas por Iracema trouxeram consequências que não poderiam ser reparadas, pois no momento que a indígena decide abandonar a aldeia e partir com estrangeiro, ela deixa para trás sua família, sua cultura para viver esse amor. Durante esse período Iracema descobre que está grávida e Martim precisa partir para lutar com outros guerreiros. Assim que retornou sentiu a dor da perda.

O esposo viu então como a dor tinha murchado o seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída da manacá (uma árvore). Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em que o amor renascera com o júbilo paterno, cercou-a de carícias que encheram a sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida: o estame da sua flor romper-se. (ALENCAR).

Iracema partiu para viver com seu grande amor, seu guerreiro branco, que precisava cuidar das suas conquistas, decidiu deixar a sua indígena sozinha e frágil, mesmo sendo guerreira, caçadora ela se mostrou frágil e muito sozinha. Passou pelo parto, amamentação e tristeza por

não ter o ser amado próximo. Sofreu até revê-lo e partiu deixando nos braços do seu amado seu filho mestiço.

Apesar de indígena, possivelmente não terá contato com a cultura de sua mãe, pois o guerreiro branco, levou o pequeno para lugares distantes, para assim ser criado na cultura do guerreiro branco.

A Iracema de José de Alencar destaca da mulher indígena, porque vem com costumes, e leis da tribo que ela segue, em sua culinária, em sua língua e quando ela revela que é a noiva de Tupã e guarda a bebida sagrada, quando ela respeita a natureza, quando ela defende sua tribo e segue alguns rituais e em diversas ações a indígena.

[...] as representações são constituídas em uma prática comunicacional, já que envolvem o uso da linguagem, estão inseridas em um contexto e são compartilhadas em um mundo comum dos sujeitos, em uma interação. Significando, em síntese, quando algo está no lugar de outro algo ou alguém. 34

A obra Iracema é marcada por evidências em sua literatura, em que retrata metáforas fauna e flora para destacar a beleza e sua conexão com a terra, as palavras indígenas, incorporando termo tupis para gerar uma autenticidade e respeito cultural, detalhando costumes, rituais e paisagens para mergulhar o leitor na cultura indígena para manifestar a representação em seus escritos.

3 – Surgimento da Iracema Tabajara

Uma vez que foi evidenciada a representação da mulher indígena na obra Iracema de José de Alencar, no andamento dessa reflexão não poderia deixar de fora uma escritora indígena e dessa forma fazer contraponto a partir da representatividade. Ela, além de leitora de José de Alencar, escreve com sentimentos de uma mulher indígena que de fato é.

Destacar uma mulher indígena como autora de sua história tem muitos significados importantíssimos, pois é ela quem decide que caminho seguir, que história contar e quem amar. E para isso acontecer é preciso ter representatividade, quando uma mulher indígena escreve sua própria história destacando seu grupo de origem.

[...] a perspectiva da representatividade como uma noção ampliada e normativa e, que por isso, pode ser considerada como um processo. Ela pode ser apreendida a partir de sete eixos: a representação, o quantitativo, os não-estereótipos, os personagens, as camadas, o protagonismo e a produção. SOUZA, 22.

É chegado o momento de apresentar neste artigo Auritha Tabajara. Traz representatividade indígena, pois ela fala com propriedade dos costumes e vivências indígenas, que faz parte de seu cotidiano.

Nesse contexto, trago uma verdadeira indígena que tem seu lugar de fala a contraposição a Iracema, escrita por José de Alencar, inclusive se nomeia a Iracema Tabajara. Auritha Tabajara é escritora, poeta, contadora de histórias e a primeira cordelista indígena do Brasil. Sua primeira obra, Magistério indígena em verso e prosa (2007), foi adotada como leitura obrigatória pela Secretaria de Educação do Ceará. Também é autora de Toda luta e história do povo Tabajara (2008), Coração na aldeia, pés no mundo (2018), A grandeza Tabajara (2019) e A lenda de Jurerê (2020), entre outras obras.

Conhecendo um pouquinho dessa indígena já podemos imaginar o quanto de representatividade ela nos mostra em seus escritos de cordel. Quando ela mostra qual é seu verdadeiro lugar, ela nos enche de orgulho, como mulher indígena ressignificando seu lugar de fala.

“[...] A nossa ancestralidade,
E a nossa diversidade,
Nos fazem sobreviver.
Que a mulher tem seu lugar
É raiz que não termina.
Eu não sou como Iracema
A de José de Alencar,
Sou do povo TABAJARA (TABAJARA).

Auritha Tabajara como mulher indígena reconhece seu lugar, entende a importância da representatividade de ser mulher indígena, consegue quebrar as barreiras e reconstrói um lugar diferente do que foi ditado por José de Alencar à Iracema do romance.

Com os seus escritos, Auritha Tabajara vem com a representatividade em que a indígena se coloca dentro da contemporaneidade. Isso é muito importante para deixar explícito a necessidade de representatividade que cresce a cada dia.

Na fase do primeira geração do romantismo , período em que Jose de Alencar escrevia Iracema, era importante trazer a representação do indígena pois foi nesse período em que o nacionalismo e indianismo foi muito abordado, trazendo os elementos da natureza e o indígena como primeiro habitante sempre visto como herói.

A nova Iracema nos mostra o quanto crescemos, pois através dos cordéis de Auritha podemos perceber que ela vem em direção contrária do que Jose de Alencar escreveu, lembrando que os períodos de cada escrito, Obra Iracema e O Cordel de Auritha atende à demanda de cada época.

No período em que a obra Iracema foi escrita, era o início da primeira geração do romantismo em que o indígena precisava ser representado nas obras, porque o herói nacional precisava ser do Brasil, nascido em nosso país.

Já a obra de Auritha , em seu cordel ela retrata a indígena com muita propriedade, e em um período contemporâneo, em que a própria indígena comenta dos seus anseios, trazendo a representatividade, no momento em que ela como indígena constrói sua história, expondo as verdadeiras realidades vividas por uma indígena, criada em aldeia e vivenciando momentos com seus familiares. Apresentando sua religiosidade, sua arte, gastronomia e seu modo de vida enfim sua cultura, e claro explorando toda fauna que ela conhece muito bem.

Hoje essa mulher levanta
Com letra e voz autoral
Contra toda violência
Por um amor ancestral
De um corpo ensanguentado,
Usado sem ser amado,
Com espírito imortal.
E baseado na Bíblia,

O homem veio ditar,
Sua fé diz que é pecado
O mesmo gênero amar,
E com massacre e doença,
Nossa língua, nossa crença,
Vem tentando assassinar.
Essa força feminina
Traz um sagrado poder,

Auritha Tabajara , vem trazendo com muita riqueza de detalhes, cheia de fervor ao falar dos indígenas, principalmente da mulher indígena que tem suas crenças, que faz seu alimento que cuida de animais e crianças, que é guerreira e pode lutar por um lugar que desejar, pois as aldeias não são o limite dos indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente a representação dos povos indígenas é utilizada de maneira leviana e simplista, reduzindo séculos de história e cultura em um amálgama de características superficiais. Os povos originários participaram de forma ativa na luta pela independência e tiveram um papel fundamental na construção da “identidade brasileira”.

Iracema de José de Alencar é um exemplo claro dessa redução do personagem indígena a alguém coadjuvante e limitado. Ao analisar a obra, e o contexto no qual foi escrita, observa-se que a mulher indígena costuma ser representada como um ser dócil, domável e submisso, e tendo sua beleza como única qualidade relevante, sem considerar suas complexidades e vivências.

Na contemporaneidade a representatividade nos textos literários de Auritha Tabajara nos apresenta a indígena, a que vivencia os desejos e costumes de seu povo Tabajara que foram passados de geração em geração.

REFERÊNCIAS

SLEMIAN, A.; TELES, D. DE J. As mulheres, a imprensa e a Independência do Brasil. *Ciência e Cultura*, v. 74, n. 1, 2022.

CORREIA, S. B.; MAIA, L. M. Representações Sociais do “Ser Indígena”: Uma Análise a Partir do Não Indígena. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, 2021.

SIKORA, C. A.; GUIDI, J. A. BRASIL IMPÉRIO: PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 9, p. 585–593, 2021.

TIHAGNE, Nicolas. O índio em Salvador: Uma construção histórica. *Índios e cablocos, A história recontada*. p.31-54. Salvador,2012.

FILHO, Sérgio A.D.G. O Povo e a Guerra Participação das camadas populares das Lutas pela Independência da Bahia. Dissertação (pós-graduação) História Social da Universidade Federal da Bahia, Mestrado. Salvador, p. 95-119. 2004.

CASTRO, R. A independência do Brasil por meio de Leopoldina, Maria, Pedro e Thomas. *Revista brasileira de historia*, v. 43, n. 93, p. 399–404, 2023.

SILVA, Jairo S. Os Cordéis de Auritha Tabajara como instrumento pedagógico: versão que ecoam a luta de mulheres indígenas. *Ver. Igarapé Velho, Porto Velho (RO)*, v.14, n.2,p. 31-45, 2021.